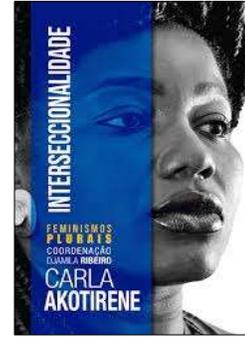


Akotirene, Carla (2019). *Interseccionalidade*. São Paulo, Pólen Produção Editorial.

Gabriel William Lopes

gabrielwlopes0@gmail.com

Instituto Politécnico de Bragança



Construindo análises sociais abrangentes: contribuições da interseccionalidade

Building comprehensive social analyzes: contributions from intersectionality

O livro *Interseccionalidade* integra uma coletânea intitulada *Feminismos Plurais*, organizada pela filósofa e feminista Djamilá Ribeiro, cujo objetivo é proporcionar discussões importantes sobre os diversos feminismos de maneira didática e acessível. Deste modo, cada produção está centrada em torno de uma temática, apresentando em uma linguagem simples - porém não simplista - e compreensível de categorias teóricas historicamente invisibilizadas pelas estruturas académicas. Na referida coleção encontram-se também materiais que abordam os seguintes tópicos: lugar de fala, racismo estrutural, encarceramento em massa, racismo recreativo, empoderamento, intolerância religiosa e apropriação cultural.

Em linhas gerais, interseccionalidade, no contexto das Ciências Humanas e Sociais, consiste no entendimento de como diferentes estruturas - o patriarcado, o colonialismo/racismo e a divisão de classes - se combinam e afetam o processo de subjetivação de indivíduos e grupos. Logo, implica necessariamente olhar para a relação entre identidade e poder, uma vez que é condição *sine qua non* para perspetivar como tais categorias estão alinhadas à produção de sofrimentos ético-políticos, outrossim na direção de elaborar mecanismos de enfrentamento que possibilitem o desenvolvimento de uma sociedade justa e libertadora.

A autora ainda comenta sobre outros tipos de discriminação que ajudam a perpetuar um ciclo de violência psicológica, nomeadamente o bullying, a gordofobia, a homofobia/lesbofobia, o preconceito contra “feios” e a intolerância etária. Ela adverte que na perspetiva do feminismo negro interseccional é errôneo hierarquizar opressões, ou seja, escalonar qual tipo de dominação gera mais sofrimento. Contudo, a mesma também tece críticas às comparações, por exemplo, feitas entre racismo e gordofobia, considerando o facto de a primeira ser uma estrutura de dominação documentada há pelo menos quatro mil anos.

Uma situação que ilustra perfeitamente o encontro entre esses eixos de opressão é a constatação feita pelo Ministério da Saúde brasileiro em 2016 a respeito da microcefalia, informando que a cada 10 mulheres pobres que conceberam filhos com essa condição, oito eram negras ou pardas. Com base nesses dados, a Dra. Jurema Werneck organizou o Boletim Epidemia de Zika e Mulheres Negras que revela nuances do racismo institucional.

Ao longo do texto também são apresentadas contradições existentes em alguns movimentos sociais, que por sua vez, impedem a coligação entre os diferentes segmentos da sociedade. Seja no feminismo hegemônico, que historicamente negligenciou pautas raciais das suas teses e articulações políticas; no movimento negro que reproduz dinâmicas patriarcais e secundariza questões de gênero, especificamente em relação às mulheres negras; ou no marxismo que considera a luta de classes como a única centralidade das mazelas sociais, subordinando outras tecnologias de poder que exercem controle e opressão.

Ademais percebe-se o diálogo construtivo que a autora realiza com pensamentos críticos à interseccionalidade, como é o caso das mulheres africanas ou do “Mulherismo Africano”, ao defender que existe sim hierarquia entre opressões, na qual o racismo é identificado como ator principal, na medida em que critica o feminismo negro apenas como uma atualização do feminismo hegemônico essencialmente branco.

Portanto, em jeito de conclusão, é notória a relevância da interseccionalidade como uma poderosa ferramenta analítica que estimula o desenvolvimento do pensamento complexo, a criatividade e sensibilidade na leitura de fenómenos de ordem psicossocial.

Referências

Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen Produção Editorial.